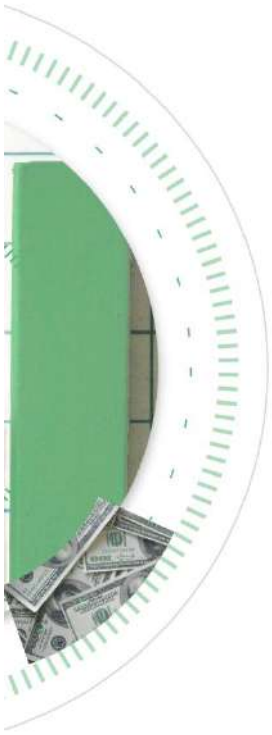
Comportamento Semanal de Mercado

12 a 19 de janeiro



Recalibragem nas apostas

Em relação à nov/23, o Livro Bege não apresentou alteração relevante nas percepções acerca da atividade econômica, principalmente no que tange à sua pujança. No documento que serve como base para as decisões de política monetária, foram revelados sinais de desaquecimento no mercado de trabalho e relatado um otimismo do empresariado com o início dos cortes na taxa básica de juros. Com os alertas de alguns membros do FOMC (Comitê de Política Monetária) do Federal Reserve (Fed) sublinhando a necessidade de serem observadas maiores evidências de que a inflação está realmente caminhando firmemente em direção à meta de 2,0% e a desnecessidade de estímulos, arrefeceram as apostas do início dos cortes nos *Fed Funds* em março de 2024, recalibrando as posições dos investidores. Na sexta-feira (19/01), a ferramenta *Fedwatch* da CME Group apontava 46,2% de probabilidade de um corte de -0,25 p.p. nos *Fed Funds* na reunião de março, ante dos 75,6% verificados em 22/dez/23. Na semana que se adentra, poderão ser feitos novos ajustes com os números do PIB e do Índice de Preços para Gastos de Consumo Pessoal (PCE) para o 4T23.

Com o retorno das *Treasuries* de 10 anos subindo 0,19 p.p. na semana para 4,15% a.a., o dólar ganhou força no mercado de câmbio internacional. Ademais, a previsão de adiamento do início dos cortes dos *Fed Funds* pressiona o *carry trade* do real, assim a moeda depreciou-se em 1,53%, com o dólar cotado a R$ 4,93. Espera-se para a próxima sexta-feira, a divulgação do IPCA-15 de janeiro que deverá ratificar a trajetória de queda da Selic sinalizada pelo Banco Central (BC), a despeito de alguma pressão nos preços dos alimentos. A inflação no atacado segue sem pressionar, com o IGP-10 desacelerando de 0,62% em dez/23 para 0,42% em janeiro, acumulando uma deflação de -3,20% a.a..

Ao contrário dos EUA, os dados da atividade doméstica apontam para uma desaceleração relevante. Apesar da alta mensal no varejo e no setor de serviços em novembro, o carrego estatístico para o 4T23 indica uma ligeira alta de 0,1% no comércio e uma queda de -0,9% no setor de serviços. Em linha, o índice de atividade do BC (IBC-Br) apresentou estabilidade no mês, ainda que acelerando seu ritmo de crescimento de 2,25% a.a. em outubro para 2,31% a.a., o carrego estatístico mostra uma queda de -0,4% no 4T23. Ainda nesta semana, o monitor do PIB FGV deve ratificar essa tendência. O BC deverá divulgar o resultado das contas externas de dezembro na quinta-feira, provavelmente com o menor déficit anual desde 2017 e os dados das contas públicas devem ser também disponibilizados ao longo da semana.

Expectativas

Na semana, as medianas das projeções para o IPCA de janeiro e fevereiro do Boletim Focus, subiram, respectivamente, de 0,40% para 0,44% e de 0,65% para 0,66%. Para março, houve um recuo de 0,31% para 0,29%. Já para o IPCA acumulado em 2024, observou-se um ligeiro recuo de 3,87% para 3,86% (3,91% há 4 semanas). Para 2025, 2026 e 2027, as expectativas permaneceram parcialmente ancoradas em 3,50% (acima da meta de 3,0%). A inflação implícita na negociação de títulos públicos apresentou reduções de -0,02 p.p. para 3,98% para o prazo de 1 ano, de -0,03 p.p. para 4,23% para o de 2 anos e de -0,05 p.p. para 4,40% para o de 3 anos.

Com esse cenário, a mediana das projeções para a taxa Selic de final de ano não sofreu alterações, permanecendo em 9,0% a.a. para 2024 e em 8,5% a.a. para 2025, 2026 e 2027. As projeções para a taxa de câmbio no encerramento de ano caiu de R$/US$ 4,95 para R$/US$ 4,92 para 2024, mantiveram-se em R$/US$ 5,00 para 2025, caindo de R$/US$ 5,06 para R$/US$ 5,05 para 2026 e permanecendo em R$/US$ 5,10 para 2027.

Adicionalmente, a expectativa para o crescimento do PIB em 2024 ficou em 1,60%, com acréscimos de 0,01 p.p. na semana (+ 0,08 p.p. em 4 semanas). Para 2025, 2026 e 2027, a mediana das estimativas mantiveram-se em 2,0%.

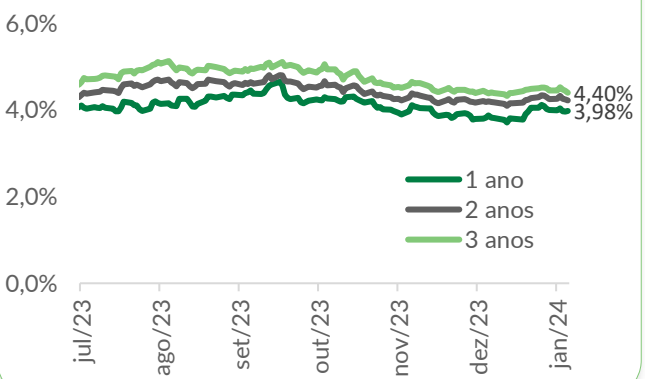
Com base no bom desempenho de 2023, as previsões para o superávit da balança comercial voltaram a subir, alcançando US$ 76,9 bilhões em 2024, US$ 70,0 bilhões para 2025, US$ 71,0 bilhões para 2026 e em US$ 74,0 bilhões para 2027. Na seara fiscal, a mediana das projeções para a dívida líquida do setor público em relação ao PIB recuou de 64,25% para 63,80% em 2024, de 66,55% para 66,20% em 2025, de 69,20% para 68,60% em 2026 e de 71,40% para 70,0% em 2027. A projeção para o déficit primário, em relação ao PIB, continuou em -0,80% para 2024, recuando de -0,66% para -0,60% para 2025 e mantendo-se em -0,50% para 2026 e em -0,20% para 2027. Já para o resultado nominal, recuaram de -7,0% para -6,93% para 2024, de -6,39% para -6,27% para 2025 e de -6,0% para -5,92% para 2026.

IPCA – Mediana das Projeções

IPCA (%) Mediana - agregado			
	19/01/2024	Últ. Semana	Há 4 semanas
jan/24	0,44	0,40	0,37
fev/24	0,66	0,65	0,63
mar/24	0,29	0,31	0,33
2024	3,86	3,87	3,91
2025	3,50	3,50	3,50
2026	3,50	3,50	3,50

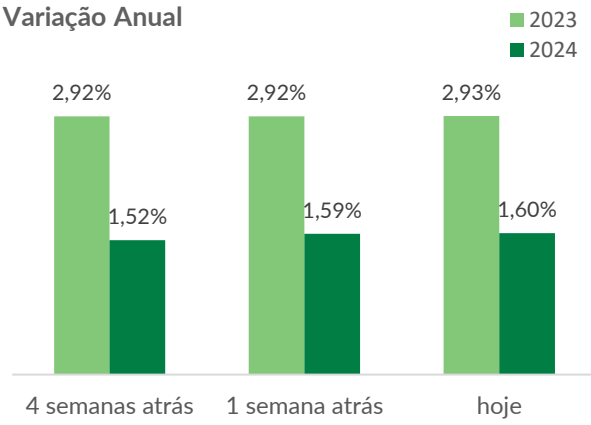
Inflação Implícita

Títulos públicos – NTN-B (% a.a.)



PIB – Mediana das Projeções

Variação Anual



Fonte: Focus | Anbima. Elaboração ABBC

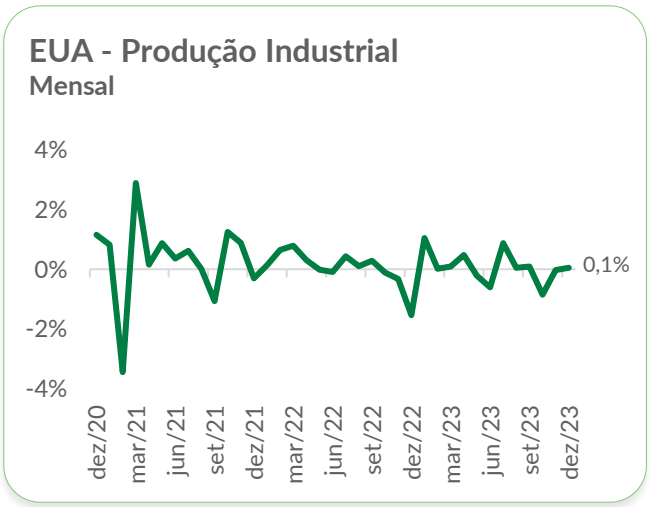
Economia Internacional

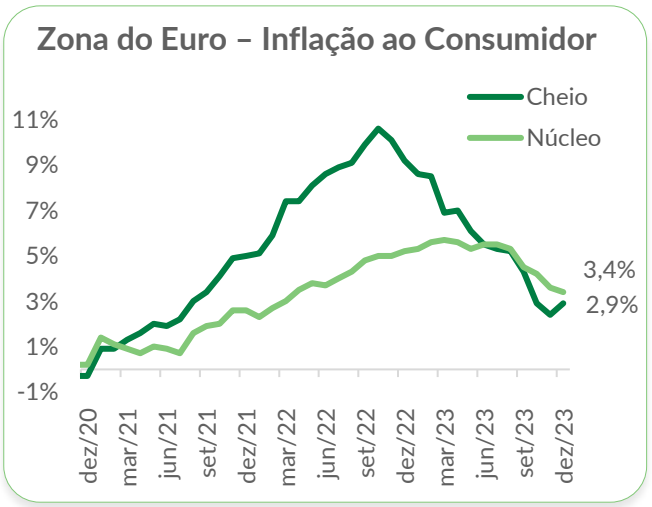
Em relação a nov/23, a maioria dos distritos consultados pelo Federal Reserve (Fed) no Livro Bege não apresentou alteração relevante nas percepções acerca da atividade econômica. No documento que serve como base para as decisões de política monetária, foram revelados sinais de desaquecimento no mercado de trabalho, o que fomenta a perspectiva de menores pressões salariais ao longo de 2024. Ao mesmo tempo, foi relatado um otimismo com o possível início do ciclo de corte de juros e a maioria dos distritos percebeu a queda ou estabilidade nos preços de insumos nas últimas semanas, principalmente nos setores de manufatura e construção. Do lado real, a atividade segue em acomodação. Após ficar estável em nov/23, a produção industrial nos EUA subiu 0,1% na margem em dezembro. A retomada da produção de veículos e peças após greves no setor automobilístico tem ajudado a impulsionar o índice, mas por outro lado, a produção de manufaturas, fora do setor automobilístico, continua fraca. Já o consumo ainda mostra-se forte, com um aumento de 0,6% em dezembro, a alta nas vendas no varejo superou a previsão de 0,4% da consulta da Reuters e crescimento de 0,3% em nov/23.

Ademais, o setor imobiliário mostrou sinais modestos de melhora. As licenças para construção voltaram a crescer, passando de 1,467 milhão em nov/23 para 1,495 milhão em dezembro, fechando o ano de 2023 em nível superior ao 1,339 milhão verificado em jan/23. Por outro lado, a construção de novas moradias unifamiliares recuou -8,6% em dezembro, após um forte aumento em nov/23. Já a venda de casas existentes recuou -1,0% em dezembro, para uma taxa anual ajustada sazonalmente de 3,78 milhões. Os pedidos semanais por seguro-desemprego continuaram em níveis baixos para padrões históricos, em 197 mil na semana finda em 13 de janeiro, 16 mil aquém da leitura anterior, enquanto se previa 207 mil solicitações.

Na Zona do Euro, a inflação ao consumidor (CPI) acelerou de 2,4% a.a. em nov/23 para 2,9% a.a. em dezembro. Contudo, quando comparado com a taxa de 9,2% a.a. em dez/22, é evidente o processo de desinflação. Já a medida de núcleo, que exclui os preços de alimentos e energia, desacelerou de 3,6% a.a. em nov/23 para 3,4% a.a.. Refletindo o contínuo enfraquecimento do setor e em linha com o esperado, a produção industrial da região caiu pelo 3º mês consecutivo, apontando uma queda de -0,3% na margem em novembro, após recuar -0,7% em out/23. em relação a nov/22, houve uma retração de -6,8%. Os bens de consumo lideraram a queda, com a produção caindo -2,0%. Já a produção de bens intermediário recuaram -0,6%, enquanto a de bens de capital cedeu -0,8%. Por sua vez, a produção de energia cresceu 0,9%. No Reino Unido, a probabilidade de flexibilização monetária se reduziu com a piora da inflação. O CPI avançou de 3,9% a.a. em nov/23 para 4,0% a.a., superando a projeção de levantamento do *The Wall Street Journal* de 3,8% a.a.. Na medida de núcleo a alta foi de 5,1% a.a., mesmo patamar de nov/23, superando a previsão de 4,9% a.a..

Na China, o setor imobiliário enfrenta desafios significativos, enquanto o setor industrial permaneceu vigoroso. O PIB do país cresceu 5,2% a.a. em 2023, impulsionado pelo aumento dos gastos governamentais.





Fonte: FRED economic/ Euro área statistics. Elaboração ABBC

Aversão ao Risco

Na semana, constatou-se um aumento da aversão ao risco, com os investidores recalibrando as suas expectativas quanto ao início da flexibilização da política monetária nos EUA. Embora o Livro Bege tivesse apontado alguns sinais de desaquecimento no mercado de trabalho e otimismo do empresariado com a queda nas taxas de juros, alguns membros do FOMC sublinharam a necessidade de serem observadas maiores evidências de que a inflação está realmente caminhando firmemente em direção à meta de 2,0%, arrefecendo as apostas do início dos cortes nos *Fed Funds* em março de 2024. Na Zona do Euro, a aceleração da inflação anual e a ata da última reunião do Banco Central Europeu (BCE) manifestando as preocupações de seus membros com a precificação mais agressiva do mercado reforçaram a visão dos juros mais elevados por um período maior.

Assim, na sexta-feria (19/01), a ferramenta *Fedwatch* da CME Group apontava 46,2% de chance de um corte de -0,25 p.p. nos *Feds Funds* em março para entre 5,0% e 5,25% a.a. contra 75,6% em 22/12/23. Para a reunião de política monetária de maio, a probabilidade de queda era de 50,9%. Como consequência, os retornos das *T-Notes* subiram. A taxa para 2 anos aumentou em 0,25 p.p. para 4,39% a.a., a de 5 anos em 0,24 p.p. para 4,08% a.a., a de 10 anos em 0,19 p.p. para 4,15% a.a. e a de 30 anos em 0,16 p.p. para 4,36% a.a.

Nesse contexto, as principais bolsas internacionais exibiram comportamentos distintos. O índice Xangai caiu -1,7% e o Nikkei 225 subiu 1,1%. As bolsas da Europa registram resultados negativos, com quedas de -2,1% no FTSE 100 e de -0,9% no DAX 40. Por sua vez, beneficiadas pelos desempenhos das ações de tecnologia, as bolsas norte-americanas se recuperaram, com altas de 2,3% na Nasdaq, de 1,2% no S&P 500 e de 0,7% no Dow Jones.

Ainda na semana, o preço da saca de soja na bolsa de Chicago aumentou 0,62% e o minério de ferro negociado em Qingdao recuou -0,36%. Já no mercado de petróleo, mesmo com a queda de -0,7% na sexta (19/01), a redução nos estoques nos EUA e a escalada das tensões no Oriente Médio levaram a cotação do barril de petróleo tipo Brent a US$ 78,56, o que representou uma alta de 0,34% na semana.

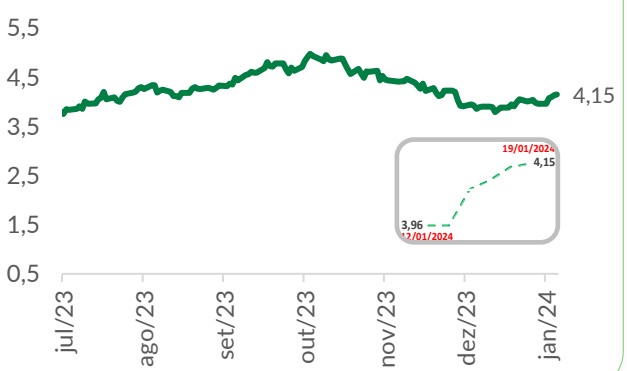
O ambiente doméstico foi mais afetado pelo movimento do exterior na semana, o risco soberano medido pelo CDS de 5 anos subiu 3,83 bps. para 132,37 bps.. O Ibovespa retornou ao patamar dos 127 mil pts., com uma queda de -2,6% no período.

Bolsas Internacionais

Bolsas	Em pts	Variação		
	19/01/2024	Semana	Mês	12 meses
Bovespa	127.636	-2,6%	-3,2%	13,0%
Nasdaq	15.311	2,3%	2,1%	41,1%
S&P	4.840	1,2%	1,5%	24,1%
Dow Jones	37.864	0,7%	0,8%	14,6%
FTSE 100	7.462	-2,1%	-2,3%	-3,7%
DAX 40	16.555	-0,9%	-1,1%	11,0%
Nikkei 225	35.963	1,1%	8,3%	36,2%
Xangai	2.832	-1,7%	-3,4%	-12,6%

T-Note

Rendimento em % a.a.



Fonte: Bloomberg. Elaboração ABBC

Câmbio

O dólar ganhou força na semana, em linha com o aumento no retorno das *T-Notes* e a percepção que os juros altos permaneçam por um período maior. O *Dollar Index*, que mede o desempenho da moeda norte-americana frente às de países desenvolvidos, subiu 0,86% no período, refletindo as depreciações de 0,49% no euro e de 0,39% na libra esterlina.

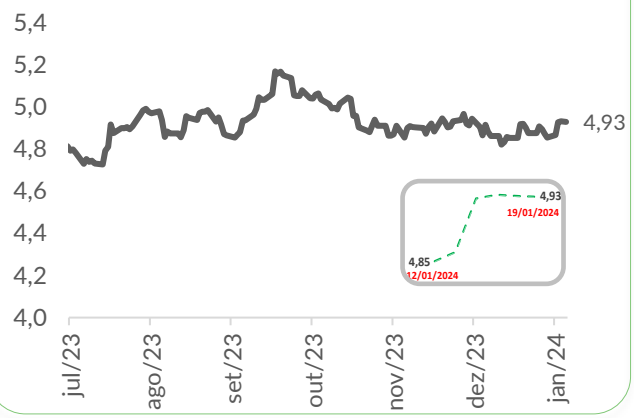
Em consonância, o índice que mede o desempenho de uma cesta de moedas de países emergentes em relação ao dólar, fechou com queda de -0,73%, com destaques para as depreciações de 2,02% no rand sul-africano, de 1,28% no peso mexicano, de 0,46% no peso argentino e de 0,17% na rúpia indiana.

Com desempenho inferior à média de seus pares emergentes, o real apresentou uma depreciação de 1,53%, com o dólar encerrando cotado a R$ 4,93. Na semana, o Banco Central atuou somente com a rolagem dos *swaps* cambiais com vencimento em 01/03/2024.

O fluxo cambial registrou uma entrada líquida de US$ 3,58 bilhões na 1ª quinzena de janeiro, fruto de um superávit de US$ 2,01 bilhões na conta comercial (US$ 7,03 bilhões em exportações e US$ 7,01 bilhões em importações) e de um superávit de US$ 1,48 bilhões na conta financeira (US$ 25,54 bilhões em compras e US$ 24,01 bilhões em vendas. No acumulado de 2023, o fluxo cambial foi positivo em US$ 11,49 bilhões, o que representou uma elevação de 39,3% em relação ao acumulado de 2022. Na abertura, o saldo comercial cresceu 48,9% para US$ 49,07 bilhões e o déficit financeiro subiu 52,1% para US$ -37,58 bilhões.

***Cesta de Moedas de países emergentes:**
Lira turca, Rublo russo, Rand sul-africano, Florim húngaro, Real, Peso mexicano, Peso chileno, Reminbi chinês, Rupia indiana e Dólar de Singapura.

Real/US$

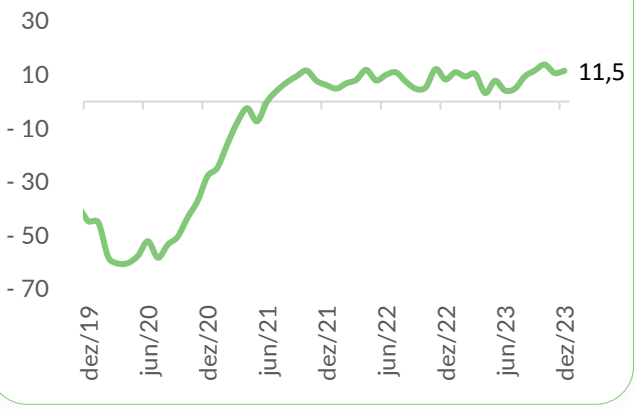


Quadro Câmbio

Moeda	Cotação do US$	Variação		
	19/01/2024	Semana	Mês	12 meses
Real	4,93	1,53%	1,32%	-4,78%
Euro	0,92	0,49%	0,76%	-0,60%
Libra esterlina	0,79	0,39%	0,23%	-2,46%
Rand Sulafricano	19,03	2,02%	3,87%	10,15%
Peso mexicano	17,08	1,28%	0,09%	-10,06%
Peso argentino	819,80	0,46%	2,14%	347,72%
Peso colombiano	3911,25	0,01%	-0,59%	-16,27%
Rublo russo	87,96	-0,49%	-2,84%	26,90%
Rúpia	83,07	0,17%	-0,14%	2,10%

Fluxo Cambial

Acumulado em 12 meses – em US$ bilhões



Fonte: Bloomberg/BCB. Elaboração ABBC

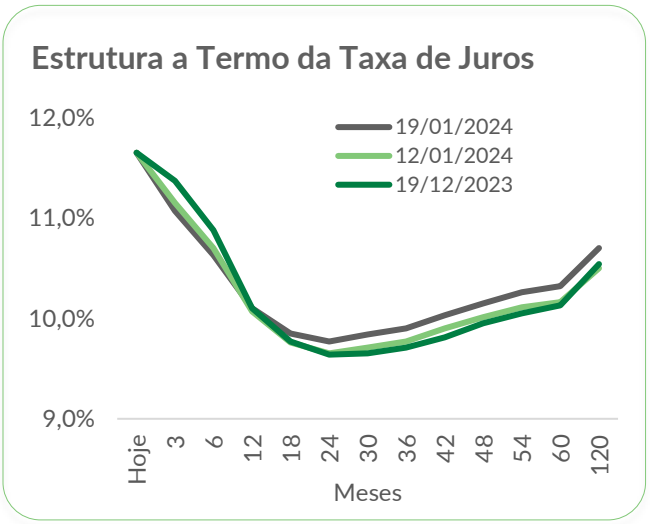
Taxa de Juros

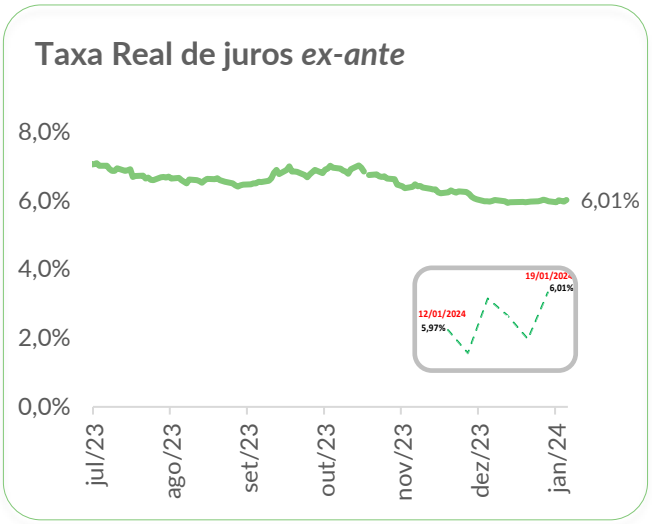
Na semana, a Estrutura a Termo da Taxa de Juros (ETTJ) apresentou ligeiras reduções nas taxas mais curtas. Por sua vez, em linha com o movimento do exterior, os prêmios nos vértices mais longos exibiram elevações.

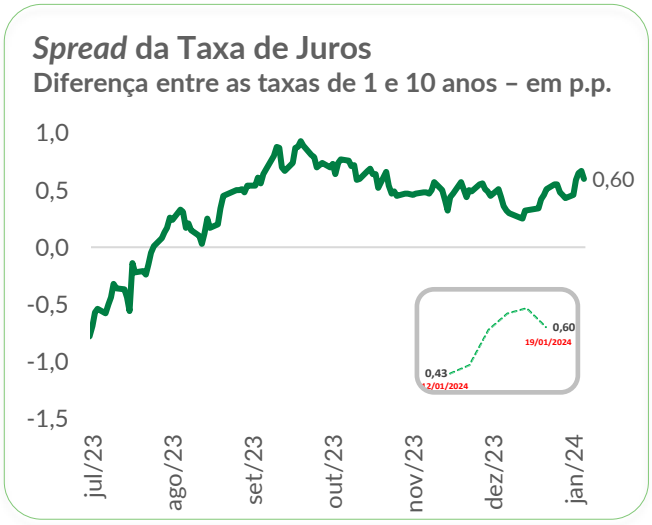
Em relação ao fechamento da semana anterior, a taxa de 6 meses caiu de 10,70% a.a. para 10,63%, enquanto a de 1 ano subiu de 10,07% a.a. para 10,10%, a de 2 de 9,65% a.a. para 9,77%, a de 3 de 9,77% a.a. para 9,90%, a de 4 de 10,01% a.a. para 10,15%, a de 5 de 10,16% a.a. para 10,32% e a de 10 anos saiu de 10,50% a.a. para 10,70%.

Com a alta de 0,03 p.p. na taxa do *swap* DI prefixado de 360 dias na semana e a redução de -0,01 p.p. da inflação esperada para os próximos 12 meses para 3,86%, a taxa real de juros *ex-ante* acumulou uma alta de 0,04 p.p. na semana, fechando em 6,01% a.a., patamar ainda superior ao 5,0% a.a., considerado como neutro pelo BC.

Por fim, a medida de risco calculada pelo *spread* entre as taxas prefixadas de 10 anos e de 1 ano, negociadas na B3, aumentou 0,17 p.p. na semana para 0,60 p.p.. Com alta de mesma intensidade, o diferencial entre as taxas pré de 10 anos e de 1 ano, nas negociações de títulos públicos na Anbima, encerrou em 0,89 p.p..







Fonte: Bloomberg/B3. Elaboração ABBC

IGP-10 – Jan/24

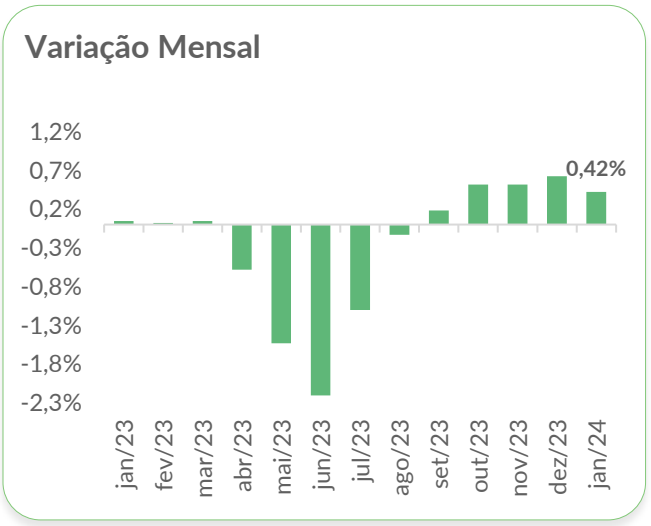
A inflação pelo IGP-10 da FGV desacelerou de 0,62% em dez/23 para 0,42% em janeiro, ligeiramente abaixo das expectativas da pesquisa Reuters de uma alta de 0,43%. Porém, a deflação reduziu-se de -3,56% a.a. em dez/23 para -3,20% a.a. (+4,27% a.a. em jan/23).

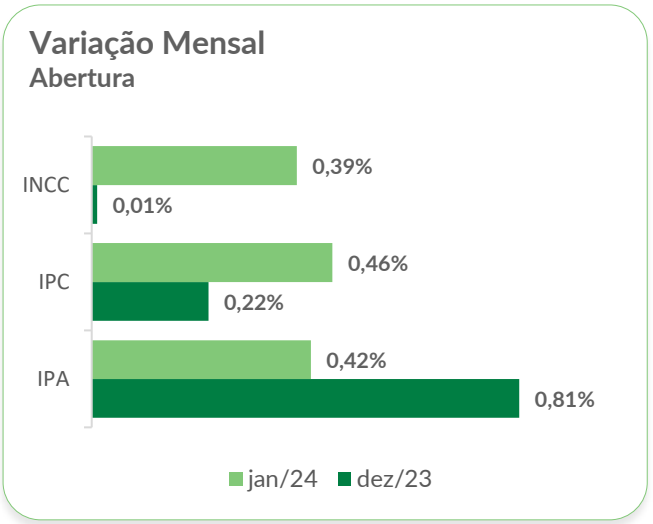
Vindo de uma alta de 0,81% em dez/23, o IPA variou apenas 0,42% em janeiro, beneficiando-se do recuo nos preços dos combustíveis, açúcar e soja. Com isso, acumulou uma deflação de -5,57% a.a. (-6,02% a.a. em dez/23).

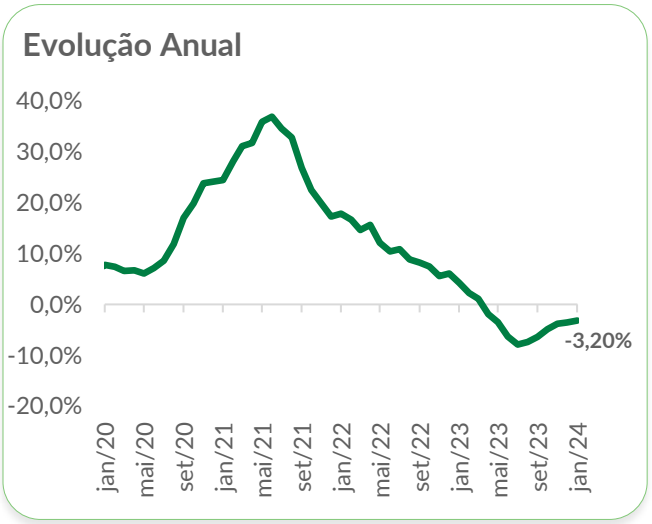
Na análise por estágios de processamento, houve avanço na inflação dos preços dos bens finais de 0,36% em dez/23 para 1,04%, com a relevante contribuição do subgrupo alimentos in natura (1,25% para 8,91%). Já a taxa do grupo Bens Intermediários passou de -0,20% para -1,42%, influenciada por combustíveis e lubrificantes para a produção (-0,35% para -6,12%), enquanto o item Matérias-Primas Brutas foi de 2,45% para 1,88%, tendo como principal participação do item açúcar (0,37% para -1,35%) e soja (1,76% para -1,26%).

Variando 0,46% em janeiro, contra 0,22% no mês anterior, o IPC registrou alta em 6 de suas 8 categorias: Alimentação (0,40% para 1,41%), Saúde e Cuidados Pessoais (-0,25% para 0,05%), Educação, Leitura e Recreação (0,97% para 1,37%), Vestuário (-0,30% para 0,59%), Transportes (-0,19% para -0,11%) e Comunicação (-0,29% para -0,17%). O movimento foi motivado principalmente pelos itens hortaliças e legumes, artigos de higiene e cuidado pessoais, cursos formais, roupas e gasolina. Em sentido contrário, Despesas Diversas (1,24% para 0,08%) e Habitação (0,7% para 0,09%) apresentaram decréscimo em suas taxas de variação. Os itens serviços bancários e aluguel residencial tiveram forte influência. Em 12 meses, o IPC acumulou alta de 3,42% a.a. (3,43% a.a. em dez/23).

Por fim, o INCC apresentou alta de 0,39% neste mês (0,01% em dez/23), onde Materiais e Equipamentos variaram de -0,20% para 0,44%, Serviços de 0,26% para 0,05% e Mão de Obra de 0,25% para 0,37%. Em termos anualizados, o INCC subiu 3,30% a.a. (3,04% a.a. em dez/23).







Fonte: FGV. Elaboração ABBC

Pesquisa Mensal de Serviços – Nov/23

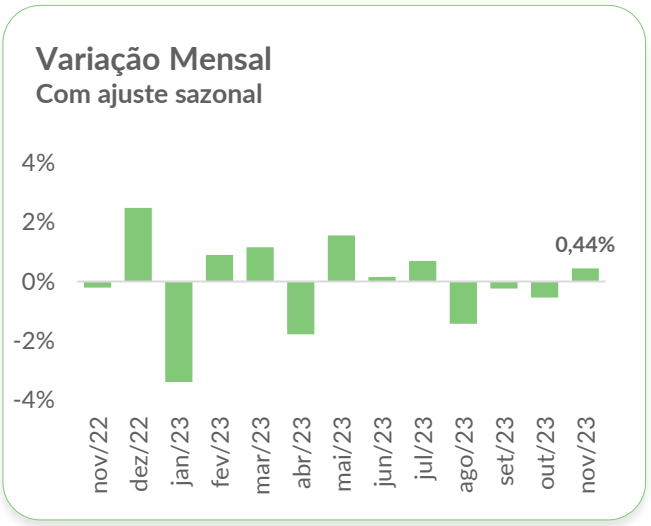
Após 3 meses com variações negativas, o volume de serviços registrou uma alta na margem de 0,4% em novembro. Dessa forma, o indicador apontou que a atividade do setor se encontra 11,7% acima do observado no período pré-pandemia (fev/20). Dado que o setor de serviços representa quase 70% da economia brasileira, se a tendência for confirmada reduzir-se-ia a probabilidade de uma queda no PIB do 4T23.

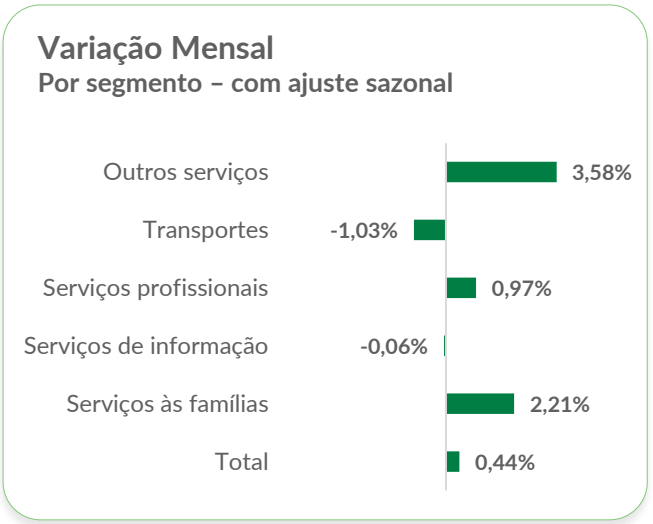
Na decomposição, houve alta em 3 das 5 atividades pesquisadas. O maior impacto veio de Outros serviços, com crescimento de 3,6% no mês, acumulando ganhos de 4,9% nos últimos 3 meses. O segmento foi impulsionado pelos serviços financeiros auxiliares, especialmente pelo aumento da receita das empresas de uso do dinheiro digital, como as de máquinas eletrônicas de cartões de crédito e débito.

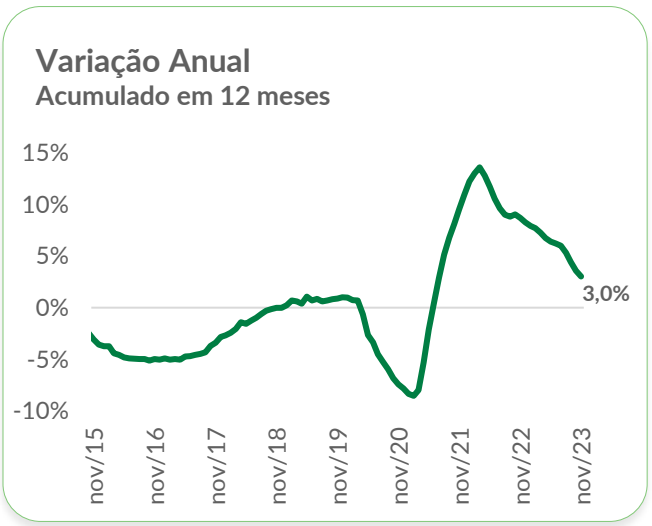
Com a boa performance das atividades jurídicas e das empresas de cartões de desconto e programas de fidelidade, os serviços profissionais, administrativos e complementares cresceram 1,0%. Ainda, recuperando a perda registrada no mês anterior, os serviços prestados às famílias cresceram 2,2% em novembro impulsionados pela alta de alojamento e alimentação e das atividades de espetáculos teatrais e musicais.

Por sua vez, o setor de Transportes recuou -1,0% na margem, marcando o 4º mês consecutivo de perdas (-5,3% no período), prejudicado pelo transporte aéreo, que caiu -16,1% em novembro, a retração mais intensa desde mai/22 (-18,6%).

No acumulado até novembro, o ganho em relação a 2022 era de 2,7%. No acumulado em 12 meses, o volume de serviços continuou mostrando desaceleração, com a alta saindo de 3,6% a.a. em out/23 para 3,0% a.a. (8,7% a.a. em nov/22). A sustentação dessa tendência favorece em tese o processo desinflacionário, principalmente no que tange à preocupação com a inflação de serviços. Por fim, com a melhor performance em novembro, o carrego estatístico para o 4T23 era de -0,9% e de 2,2% para 2023.







Fonte: IBGE. Elaboração ABBC

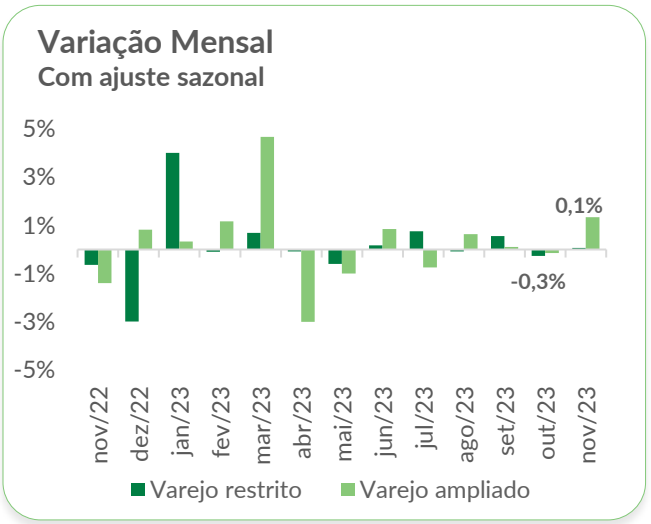
Pesquisa Mensal do Comércio – Nov/23

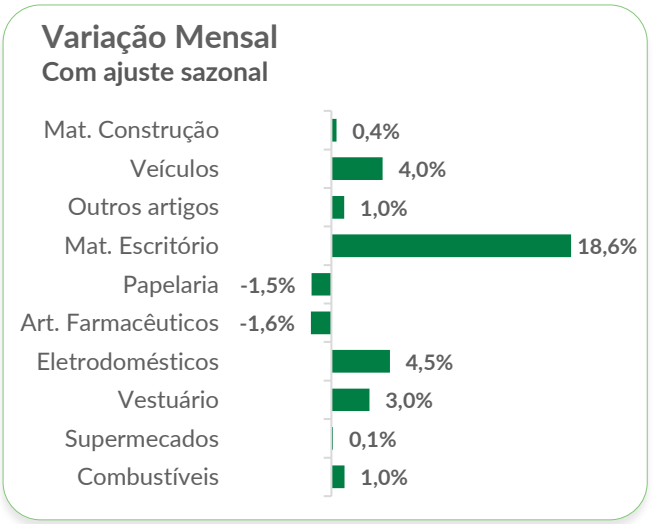
O setor varejista surpreendeu positivamente em novembro, com o volume das vendas no comércio restrito saindo de uma retração no mês de -0,3% em out/23 para uma alta de 0,1%, na série com ajuste sazonal, refletindo o bom desempenho dos segmentos relacionados às promoções da Black Friday.

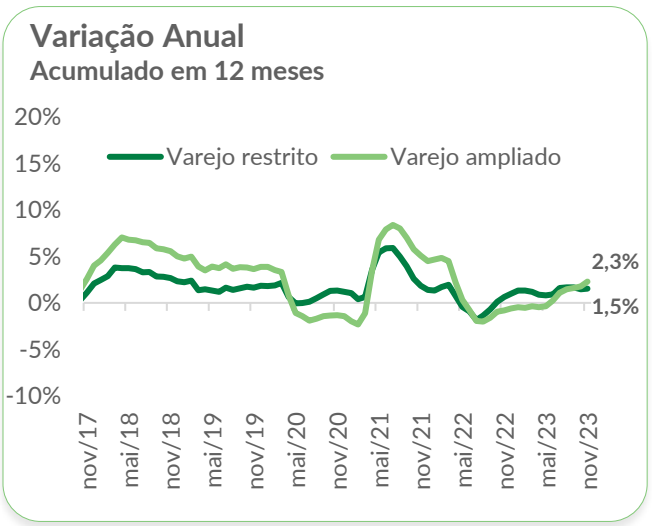
No período, 5 das 8 atividades pesquisadas apresentaram resultados positivos, destacando-se: Equipamentos e materiais para escritório, informática e comunicação (18,6%), Móveis e eletrodomésticos (4,5%) e Tecidos, vestuários e calçados (3,0%). Por outro lado, as categorias de Livros, jornais, revistas e papelaria (-1,5%) e Artigos farmacêuticos, médicos, ortopédicos e de perfumaria (-1,6%) apresentaram resultados negativos.

Com uma melhor performance, o volume do comércio ampliado saiu de uma queda de -0,2% em out/23 para uma expansão de 1,3%, refletindo os avanços na margem de 4,0% em Veículos e de 0,4% em Materiais de Construção.

Considerando-se a variação anual do volume acumulado em 12 meses, a série do varejo ampliado apresentou uma significativa aceleração saindo de um crescimento de 1,8% a.a. em out/23 para 2,3% a.a. (-0,8% em nov/22). Já a variação anual do varejo restrito acumulado manteve-se em 1,5% a.a. (+0,6% em nov/22). Dessa forma, o carrego estatístico para o 4T23 ficou em 0,1% para o índice restrito e em 1,0% para o ampliado. Para 2023, os indicadores eram, respectivamente, de 2,0% e 2,6%.







Fonte: IBGE. Elaboração ABBC

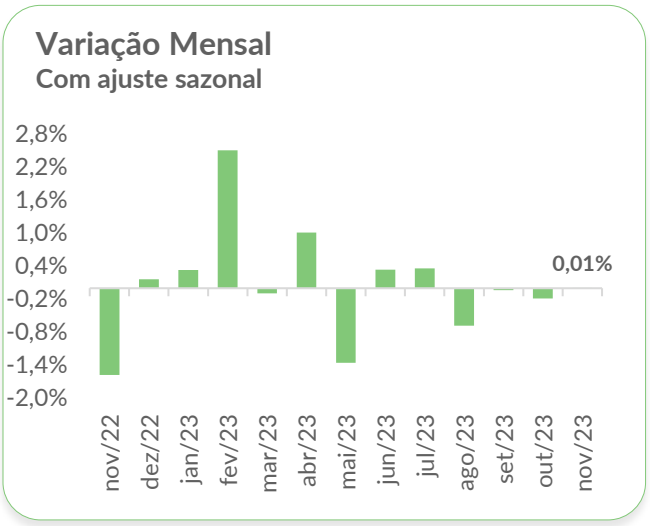
IBC-Br – Nov/23

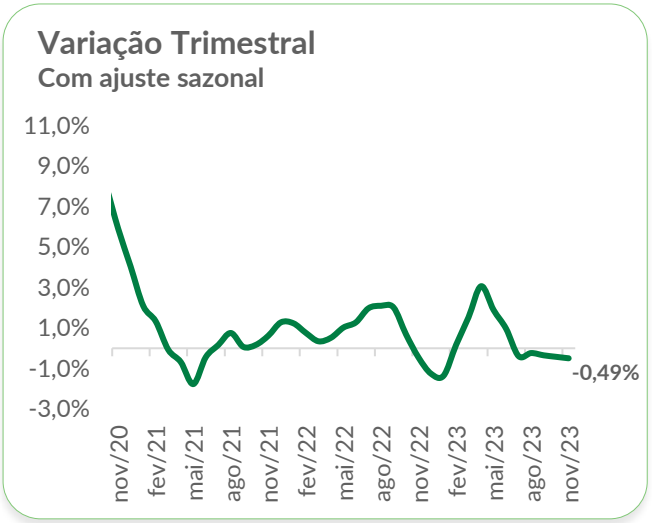
Mostrando relativa estabilidade em novembro, o IBC-Br trouxe uma surpresa positiva. Na série com ajuste sazonal, o indicador ficou em +0,01%, interrompendo uma sequência de 3 quedas consecutivas (-0,68% em ago/23, -0,03% em set/23 e -0,18% em out/23). Dessa forma, foram ratificados os sinais de enfraquecimento da atividade doméstica no 2º semestre, tendência que deve persistir no 1T24.

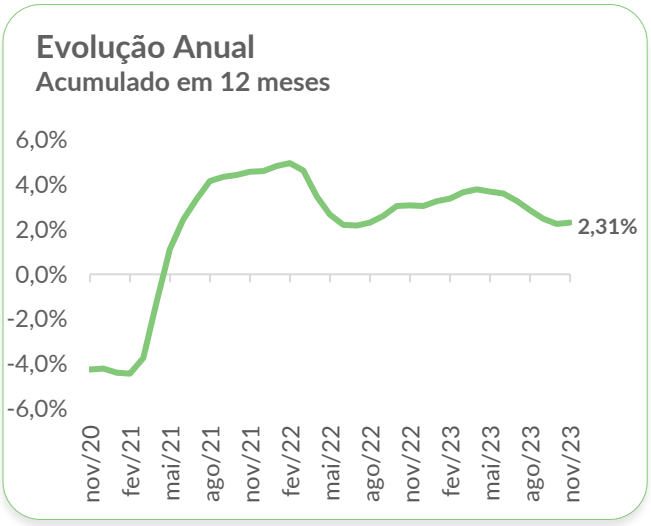
Dados positivos dos setores de varejo, indústria e de serviços fundamentaram essa evolução. Na margem, houve altas de 0,44% em serviços, de 1,35% no comercio ampliado (+0,07% no restrito) e de 0,52% na indústria.

Ainda na série com ajuste sazonal, a variação trimestral móvel (MM3) manteve-se em território negativo, fechando com retração de -0,49% ante uma diminuição de -0,42% em out/23 (-0,45% em nov/22). O carrego estatístico para o 4T23 apontava para uma retração de -0,43% e para 2023 um avanço de 2,37%.

No ano, o indicador acumulou uma elevação de 2,40% frente ao mesmo período de 2022. Considerando-se a variação do acumulado em 12 meses, a taxa saiu de 2,35% a.a. em out/23 para 2,31% a.a. em novembro (3,07% a.a. em nov/22).







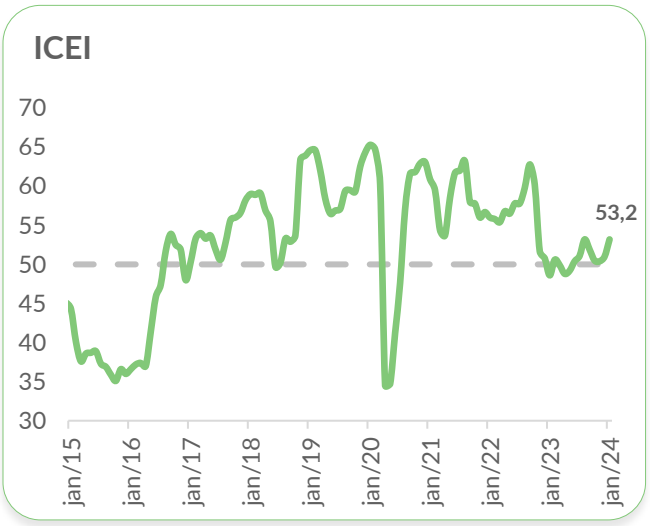
Fonte: BCB. Elaboração ABBC

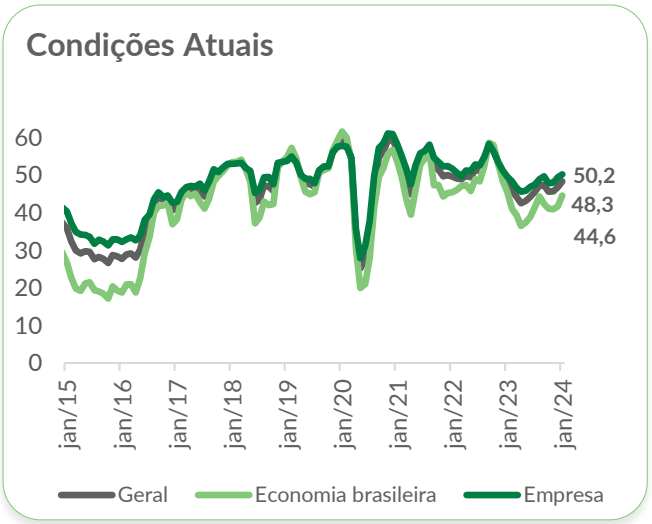
Índice de Confiança do Empresário Industrial – Jan/24

O Índice de Confiança do Empresário Industrial (ICEI) da CNI mostrou maior otimismo no início de 2024, saindo de 51,0 pts. em dez/23 para 53,2 pts. em janeiro. Em comparação com jan/23, a alta foi de 4,6 pts., apontando uma maior e mais disseminada confiança dos empresários. Cabe mencionar que a linha divisória de 50 pts. delimita a confiança dos empresários.

A dinâmica mensal refletiu a melhora em todos os componentes do índice. Permanecendo em patamar que indica pessimismo desde jan/23 (48,3 pts.), o índice de condições atuais avançou 1,5 pt. para 48,3 pts.. Por estar abaixo de 50 pts., demonstra a percepção de piora em relação aos últimos 6 meses. Mas a avaliação em relação às condições da economia brasileira aumentou 2,9 pts. para 44,6 pts, enquanto a das empresas deixou o campo negativo ao crescer 0,8 pts. para 50,2 pts..

Já o Índice de Expectativa avançou 2,6 pts. para 55,7 pts., mostrando otimismo da indústria para os próximos 6 meses, com especial atenção para as expectativas sobre a economia brasileira, que registrou um avanço no mesmo período de 3,8 pts. para 50,1 pts., deixando o campo negativo. As perspectivas em relação às condições das empresas melhoraram 2,0 pts. para 58,5 pts..





Fonte: CNI. Elaboração ABBC

Projeções Macroeconômicas - ABBC

Indicadores	2015	2016	2017	2018	2019	2020	2021	2022	2023E	2024E
Atividade, Inflação e Juros										
PIB Real (%, a/a)	-3,55	-3,28	1,32	1,78	1,2	-3,9	4,6	2,9	3,0	1,5
Crédito (%, a/a)	7,00	-3,50	-0,40	5,10	6,4	15,6	16,5	14,0	7,3	8,4
Desocupação (%, fim de período)	9,10	12,20	11,90	11,70	11,1	14,2	11,1	7,9	7,2	7,5
IPCA (%, a/a, fim de período)	10,67	6,29	2,95	3,75	4,3	4,5	10,1	5,8	4,6	3,9
IGP-M (% a/a, fim de período)	10,54	7,17	-0,52	7,54	7,3	23,1	17,8	5,5	-3,2	4,0
Taxa Selic (%, fim de período)	14,25	13,75	7,00	6,50	4,50	2,00	9,25	13,75	11,75	9,25
Setor Externo e Câmbio										
Balança Comercial - (US$ bi)	13,7	40,2	56,0	46,6	35,2	50,4	61,4	61,8	98,6	70,0
Conta Corrente (US$ bi)	-54,8	-24,5	-22,0	-51,5	-65,0	-24,5	-28,1	-56,0	-32,0	-40,3
Investimento Direto no País (US$ bi)	64,7	74,3	68,9	78,2	69,2	37,8	53,3	90,6	60,0	65,0
Taxa de Câmbio (R$/US$, fim de período)	3,9	3,3	3,3	3,9	4,0	5,2	5,7	5,3	4,8	5,00
Fiscal										
Resultado Primário (% PIB)	-1,9	-2,5	-1,7	-1,5	-0,8	-9,4	0,7	1,3	-1,1	-0,8
Resultado Nominal (% PIB)	-10,2	-9,0	-7,8	-7,0	-5,8	-13,6	-4,4	-4,7	-7,8	-6,8
Dívida Líquida do Setor Público (% PIB)	35,6	46,1	51,4	52,8	54,7	62,5	57,2	57,5	61,0	64,2
Dívida Bruta do Setor Público (% PIB)	65,5	69,8	73,7	75,3	74,4	88,6	80,3	73,4	76,5	79,0

Assessoria Econômica

abbc.org.br
assessoriaeconomica@abbc.org.br

Av. Paulista, 1842 -15º andar -Conj. 156
Edifício Cetenco Plaza -Torre Norte –
Cerqueira César São Paulo –SP

Tel: (55) 11 3288-1688